

FOTO-ROTEIRO, VOZES E IMAGENS ¹

Acir Dias



Fotos: Salete Bramatti. Foto-roteiro e direção de arte: Acir Dias ².

Nunca acreditei que a fotografia realmente fosse arte, pois está sempre presa a uma figuração, sem relação mais profunda com sua essência e principalmente com a essência do fotógrafo. Diríamos que é a realidade figurada em luz na racionalização verossímil de Saturno. Atualmente, pelo grande aparato técnico, é expressão presente da sociedade funcional. Jamais distinguiremos o que a imagem fotográfica realmente representa enquanto referências do real, podemos distinguir de imediato os códigos figurativos e aquilo que é realçado pelo fotógrafo. Desde o início, a imagem fotográfica é sobrecarregada em seu estatuto pelos experimentos de Da Vinci e Della Porta, no modo em que os

¹ Estas palavras compõem o diálogo inicial de um roteiro fotográfico em que as imagens compõem parte de uma seqüência do filme "Ana é Maria". Este trabalho está em andamento e faz parte da tese de doutorado em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, orientada por Milton José de Almeida, a quem agradeço pelas preciosas e consistentes sugestões artísticas e poéticas.

² Acir Dias da Silva. Mestre e doutorando em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Unicamp/F. E, Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO. Professor de Literatura e Cinema e Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Cascavel PR.

objetos são simulados. Hoje, tais experimentos se fazem lembrar na objetividade das câmeras; tanto a câmera fotográfica como a câmera cinematográfica são máquinas civilizatórias que simulam a universalidade das expressões e dos gestos, rostos, enquanto remetem à repetição incansável de uma contingência estética. Diríamos que a fotografia sempre traz no seu bojo seu referente, tanto amorosa como fúnebre, no âmago do mundo em movimento. Uma necessidade sem reverência da memória. Nós, dessa civilização, um ao outro, membro por membro, somos condenados e acorrentados aos funerais de certos suplícios, aos mundos funestos da lembrança. Acredito que navegamos pelas ilhas do esquecimento e conservamos o passado embalsamado, unido aos instantes eternos. A fotografia pertence à classe de objetos efêmeros em que podemos aludir e conceber dualidades, mas não perceber as essências incubadas no ato fotográfico, referindo-se ao estar sempre presente. É impossível uma foto abstrata, sem alguma coisa ou alguém posando para o fotógrafo.

Assim também são as imagens culturais do cinema: expressas, mostradas em tal instante, mas nunca abstratamente enquanto imagem. Todas trazem contaminações dos signos da realidade, o que lhe permitiria ter acesso à dignidade de uma língua escrita. Os planos cinematográficos em estado bruto são como rudimentos de uma língua perdida; mas, para interpretá-los como signos da realidade, é preciso que haja marcas, memórias; privadas de um princípio de marcação, as imagens são o que são, simplesmente, não prosperam bem, apodrecem como os frutos da terra, como leite azedado. Seja o que for, são artefatos e produção espiritual do homem e de qualquer maneira traduzem também o invisível e o indizível, o que não vemos e não lemos. Em suma, a vida é maior e adere como um produto singular. Lemos livros e livros sobre imagens, aliás, nunca isso esteve tão oficializado no mundo editorial como hoje, talvez pelas nossas impossibilidades diante dos significados e fenômenos humanos. A fotografia é apenas um instante luminoso materializado e deixa para trás tantos outros instantes e pontos de vista. Perdemos tantos outros ângulos sobre o mesmo acontecimento. "A linha consta de um número infinito de pontos; o plano,

de um número infinito de linhas; o volume, de um número infinito de planos; o hipervolume, de um número infinito de volumes..."³

Estas palavras sobre a imagem. Vejo-as como paradoxo estranho numa linguagem quase impotente diante do impulso humano desenfreado. Isso pode libertar a imagem cinematográfica e fotográfica do naturalismo técnico? Saiba que nenhuma imagem fotográfica pode dar essa certeza. Você verá a mulher⁴ na sombra dos móveis da cozinha e diante dela a porta aberta para fora. Não é uma cozinha? Veja as louças no armário. Nada. Ela vê tudo. Ela irá preparar o café. O infortúnio, talvez, o azul do azulejo a envolve na candura do semblante, antes mesmo de fechar as pálpebras. A linguagem das cores ainda não sei, mas pode autenticar a si mesma. Pode-se perceber a impotência da linguagem fotográfica e talvez a impotência seja revelada pelos compostos da prata escurecidos quando expostos à luz, ou pelos ácidos aquecidos que destilam o calor da matéria aparentemente homogênea. Para ter o mínimo de objetividade nessa realização é necessário olhar também para a natureza desse ensaio fotográfico. Veja essa mulher em sua lente e, como não poderia deixar de ser, no quatro por quatro, na luz e na sombra. Mas você ainda não a viu servindo o café da manhã. Você ainda não viu os filhos⁵ escovando os dentes e penteando os cabelos. Você verá a mesa posta e a mãe, o pai e os filhos. Juntos. Olha! Veja bem, a imagem deverá invocar a lógica ou, na sua ausência, no juramento autenticado da perspectiva fotográfica, o aparelho. Por sua vez, é indiferente a qualquer alternância de enquadramento, pois a imagem não inventa nada; ela é em si, própria. Na composição e na revelação não quero muitos artifícios, pois eles quando permitidos não são probatórios de nada, são, ao contrário, apenas trucagens das quais não estamos livres: são trapaças laboriosas. A situação é a seguinte: trata-se de uma revelação contrária, o ato fotográfico é um ato com os olhos fixos no passado, ele jamais mente: ou antes, pode mentir quanto ao sentido das coisas e dos signos retratados, pois em todas as medidas e em sua natureza é tendencioso. Jamais pense que ela é impotente por inteiro - na criação, sua força, todavia, é superior a tudo o que o espírito humano pode e

³ BORGES, Jorge Luis. O Livro de areia in Obras Completas III. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1998. p.79.

⁴ Personagem do filme "Ana é Maria".

⁵ Personagens do filme "Ana é Maria".

pôde conceber para nos dar garantia da realidade e verossimilhança - mas também é realidade estratificada e estilhaçada. É sempre uma incerteza. Saiba que ainda não é o momento do instante decisivo de fração ínfima do segundo, quando todas as linhas geométricas se harmonizam dentro do visor - só você perceberá o momento e os ângulos certos dessa visão essencialmente infinita. A fotografia é um emblema de presença e do momento presente - um certificado cuja invenção inseriu uma comunidade de imagens.

Lembremos das primeiras fotos dessa mulher: ela contemplava a mesa posta; deve ter-lhe parecido semelhante àquelas gotas de tinta que escorrem durante a pintura - sua câmera - sempre obscura - captará instantes de tempo, que escorrem pelas paredes da casa. Ela e ele sabem que estão sendo fotografados. Você sabe que está fotografando, no entanto, estão face-a-face com um mutante maquinal. Eles são humanos - parecem seres humanos - sua consciência a colocará diante dos objetos encontrados no interior da cozinha - fora de qualquer analogia, com uma imagem, nem real, nem nova e artística, de fato são blocos do tempo real que você ainda não pode tocar com a bendita sensação instantânea dos milímetros de luz e sombra, das pequenas coisas dispostas na sala e na cozinha. Veja como essas coisas são mais humildes e como elas se mostram ao mundo! O instante temporal impresso na luz! Que impressão você tem disso? Saiba que é o discurso das coisas e tenha muito orgulho dessa percepção. Veja o calafrio anônimo dela - olhos convexos. Pode ser que a imagem pensativa signifique a reconstituição de outras coisas sem explicação. Os filhos comem - ela se distrai ao pôr o café na xícara. Eu não mostro isso a você simplesmente por mostrar, mas sei que temos resistência para acreditar no passado deles - na farsa da história, a não ser sob forma de mito estilhaçado.

Certamente você já ouviu falar que a foto é documento e pela primeira vez o ato de interpretar o passado foi tão seguro, mas não se esqueça que isso é sempre uma visão do momento presente. A visão impressa no papel parece ser tão segura quanto aquele que as toca com a finalidade de interpretação. Deixe isso pra lá. São partes da limitada história do mundo. Veja quatro vezes a família tomando café da manhã: todos, a mãe, o pai e os filhos. Não pense que essa fotografia é um objeto antropológicamente correto sobre a história familiar, tente

fugir disso, assim, parece que estaremos indo além da própria imagem. Hoje, antes de vir até aqui, ociosamente procurava escalar as expressões dessas imagens, as proporções e as medidas e tudo estava dentro dessas mesmas proporções e medidas: a fotografia. Veja o corpo físico da personagem a ser fotografada e a ordem sensível da luz e a relatividade de alguns sintagmas da realidade e as codificações necessárias. Precisamos de apenas alguns novos artifícios para que a provável mutação ocorra. A imagem sofrerá. Transformações. Depois, tudo isso mudará de estado. A matéria será outra. Diversamente, outra analogia com o próprio mundo da personagem. Digo que ela representará outra coisa, porque a óptica fotográfica está submetida involuntariamente à perspectiva, seja albertiniana ou mesmo davinciniana - todas perfeitamente temporais e inscritas em tempo e espaço, nas imagens e nos locais da memória. Nada pode impedir que a fotografia seja analógica, metafórica, alegórica ou metonímica, mas, ao mesmo tempo, um código e uma alusão - traços partilhados em todos os tipos de representações, pois não é uma cópia instantânea da realidade, evidentemente é uma reverberação do real passado persistindo no presente: uma mágica luminosa - não arte. Veja: na mesa da cozinha o olhar dela está longe e ele lê o jornal. Tente codificar esse ato, pois o mais importante é ter noção de que essa cena fotográfica não possui uma força naquilo que é mostrado e isso é apenas incidental, não sobre os personagens que estão ali, mas sobre o tempo sobreposto naquilo que denominam de representação. Na placa fotográfica todos os detalhes serão impressionáveis. Todos os detalhes gravados desproporcionalmente para se ocuparem em si mesmos da revelação do mundo exterior - sempre, evidentemente, uma sensação. Nunca se esqueça do que você sente. Sim, tudo isso foi inventado. Na literatura também. A literatura é imagem mental - integra o jogo com as palavras do poeta. Veja, a foto. Veja a imagem sendo composta. A imagem é plena, lotada: não tem o vago, mas tem intervalos e interstícios que às vezes fogem do nosso entendimento. Significa. Você não pode acrescentar nada. São estilhaços do tempo. Um único tempo. Aquele tempo. O tempo presente.

Agora vamos sair da cozinha para continuar o ensaio fotográfico. Agora, vejamos ele, o marido de Ana⁶. Ele amarra o cadarço do sapato e irá para o

⁶ Personagem do Filme "Ana é Maria".

trabalho. Certa vez você perguntou como essas imagens fotográficas se comportarão ao lado das imagens em movimento. No cinema, esse material fotográfico - nossas fotos -, no entanto, não terão a completude do instante paralisado; felizmente ou não, ele estará em movimento. Por quê? Ocasionalmente, porque a foto, tirada em um fluxo, é empurrada, puxada incessantemente para outras vistas no meio de imagens em movimento; sem dúvida, sempre há referências à fotografia, mas estas deslizarão e dançarão o movimento da personagem e o movimento das imagens. Não faremos nada a favor da realidade - estará agarrado a um estilo menos ilusório para atingir a existência de Ana, nossa personagem. Sabemos que a fotografia rompe certas formas realistas, mas prende-se ao naturalismo da perspectiva. Pois bem, é simplesmente normal, veja Ana na sua vida diária. Ela lava roupas como na vida de uma dona-de-casa. Veja de maneira imóvel - retenha e reflua a apresentação desta cena. Posso dizer isso de outro modo. Eis novamente a foto dela lavando roupa, noutra ângulo. Você está só diante dela, como ela. Ali na lavanderia. Fique longe dos detalhes da água que escorre pela torneira. Fique longe dos detalhes do close up tão comum ao cinema. Desta vez não invente nada. Sei que você não inventou nada disso. Do mesmo modo a não-invenção é o esquecimento daquilo que a humanidade acumulou enquanto bem espiritual. Você olhará o aparelho e verá Ana brincando com o gato. Olhe. Assim como olharia uma janela aberta à quietude. Quietude? O cão negro e supostamente trágico ainda não aparecerá. Não há saídas - o círculo está fechado. Imóvel? Não saia deste lugar. E nenhuma pessoa deste mundo poderá deter o movimento. O movimento do tempo. E fazer aquilo que somente você pode fazer. Fotografar. E pela milésima vez o ato corriqueiro da vida e não de Deus. No fim de tudo isso - imagens esterilizadas pela máquina. A câmera decidiu o que você viu e vê - transformou seu olhar num derivado anônimo e sem nenhuma memória cultural, pois isso até o ajudaria a dizer e viver este sofrimento inteiro na infinitude da imagem que você viu. Do mesmo modo, essa ilusão existe. A ilusão do esquecimento e da lembrança pela visão. A câmera não mentirá aquilo que você viu e vê - nada está desprovido de cultura por mais dolorido que seja admitir tal fato - ela não pode se transformar do dia para noite - viva o pesar desse luto. Olhe bem o gato. O domínio técnico da máquina não é suficiente. É necessário transcendê-la de tal maneira que a fotografia seja uma imagem sem imagem.

Imagem. Mas olhe-a como se estivesse esperando por este momento - morte. Converta a negação da morte em força expressiva de trabalho. Vá além do corruptível pensamento. Faça como se você tivesse entendido naquele momento - imagem desnaturalizada onde a morte não pode morrer, pois, sem ela, estaremos enclausurados - purificação? Catarse? Fotos. Adoraria que enxergasse à sua volta ela sentada na rede - faz tricô e não pode transformar o pesar do tão profundo olhar - uma foto - fotografias - fotogramas - instantes. Nesta imagem, contemple-se, reflita-se, interiorize-se; ou ainda: rejeite o trágico das expressões faciais da personagem. Depois, entre as sensações mais que profundas, além do mistério da luz e da sombra, veja como elas se movem, e perfeitamente passam em movimento e desfraldam batalhas para se mostrarem ao mundo; contudo, provocam a continuidade da imagem.

Gostaria que você percebesse a imagem fotográfica: corpos, gestos e as expressões das paixões, pinturas, esculturas - elas persistem nas fotografias. O retrato - poses. As fotos - instantes. Artes que se multiplicam numa comunidade de virtudes e vícios. Olhe a câmera e busque o passado além do perfeito equilíbrio. Coloque-se num ritual, veja os personagens na mesa, parece que saltaram de um álbum de retratos de família, mas evite olhá-la e deixe que essa imagem olhe você. Olhe diferentemente os fetiches, ícones, que freqüentemente olhamos por aí. Olhe a família toda. Olhe através do vidro gelado - todos imóveis e obstruídos pelo tempo do tempo. Não é um protótipo do adormecimento de um mito perfeito. Veja a inaturalidade desta imagem intensa, isso não impede que haja nela uma profundidade frontal do olhar dos personagens. Estranho? Eles vivem assim, fixados em um tempo que será interrompido outrora, mas sem deixar de ler jornal, comer, beber, viver. Uma lembrança. Uma expressão gramatical de um programa visual inscrito na limpeza perfeita e harmônica da civilização, ao passo que esta imagem é uma contralembrança do tempo...